

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)

18 abr 2017 | O Globo

Jogo perigoso na Coreia gera nova crise dos mísseis

Atensão entre os EUA e a Coreia do Norte subiu de tom nas últimas semanas, com ameaças de guerra e exibições de força militar de lado a lado, disseminando medo na comunidade internacional. O impasse marca uma mudança de postura de Washington, que trocou a cautela da era Obama por uma abordagem mais agressiva na gestão de Donald Trump, nas palavras do secretário de Estado, Rex Tillerson: "Nossa política de paciência estratégica acabou".

O assunto foi um dos temas principais discutidos no encontro, no início de abril, entre o presidente americano e seu colega chinês, Xi Jinping, que assumiu o papel de mediador com Pyongyang. Mas, ao contrário do que Trump previra, a influência chinesa sobre Kim Jong-un não se mostrou forte o suficiente para conter as provocações e ameaças do líder supremo coreano. Este prosseguiu com os testes balísticos na Península da Coreia e ameaçou iniciar uma guerra nuclear contra os EUA.

Trump também deu demonstrações de força, atacando uma base militar na Síria em retaliação ao uso de armas químicas contra a população pelo ditador Bashar al-Assad. Também usou, pela primeira vez, a "mãe de todas as bombas" — artefato cujo poder de destruição só perde para armas nucleares — contra posições do Estado Islâmico, no Afeganistão.

Segundo o "New York Times", o impasse evoca em Robert Litwak, especialista do Woodrow Wilson International Center for Scholars, uma espécie de "crise dos mísseis em câmera lenta". Ele se refere ao impasse em 1962 que durou 13 dias, envolvendo EUA, URSS e Cuba, e levou o mundo à beira de uma guerra nuclear. O regime soviético enviou mísseis para Cuba em reação à instalação de bases nucleares americanas em Turquia e Itália, e à fracassada tentativa de invasão da Baía dos Porcos, no ano anterior.

A diferença hoje são os egos envolvidos no imbróglio, com personagens imprevisíveis como Trump e Kim à frente de arsenais nucleares. De um lado, o presidente americano se afasta cada vez mais da promessa de campanha, de subordinar sua política externa aos interesses americanos, por meio de medidas protecionistas no comércio e da revisão de alianças estratégicas e históricas. Em vez disso, Trump demonstra uma aproximação crescente às práticas convencionais de um governo republicano.

Por sua vez, o ditador norte-coreano, visto como um líder inseguro, tenta demonstrar força, interna e externamente, mediante um ostensivo aparato militar e um programa nuclear relativamente desenvolvido.

Seja como for, a presente escalada de tensão é um jogo perigoso e volátil, qualquer erro de cálculo pode deflagrar um conflito bélico com efeitos devastadores. É preciso, portanto, continuar pressionando economicamente o regime coreano e manter uma sintonia fina nas negociações mediadas por Pequim.

Impresso e distribuído por NewspaperDirect | www.newspaperdirect.com, EUA/Can: 1.877.980.4040, Intern: 800.6364.6364 | Copyright protegido pelas leis vigentes.

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)